

Maracatu alegre o Varadouro

Ivana Moura

Pelo menos até o Carnaval, o Maracatu Nação Pernambuco prossegue com suas exibições em Olinda. Proibidos de tocar no Mercado da Ribeira pela Prefeitura — que alegou que o local não dispunha de condições, pela multidão que acompanha o grupo — o Nação Pernambuco fechou com o Mercado Eufrásio Barbosa (do Varadouro). Até quinta-feira ainda se pensava em fazer os ensaios do batucue no Armazém 13 do Porto do Recife, mas segundo o conjunto não havia condições de produção para um evento tão arrojado. No Mercado do Varadouro não haverá custos para o Maracatu, já que os comerciantes resolveram arcar com o pagamento do som, luz, transporte e estrutura de palco, além de um pequeno cachê. A Prefeitura garante o espaço. O programa acontece hoje, a partir das 17h, com entrada franca.

A saída do Maracatu do Mercado da Ribeira vem causando controvérsias. Mesmo garantindo que conversou com o grupo, a Fundação de Cultura está pagando o maior ônus: o desgaste junto ao público do Maracatu e moradores da cidade. Enquanto o Maracatu sai da Ribeira devido a grande aglomerações, o próprio FC aprovou abertura de uma filial do

Mistura Latina na Ladeira da Misericórdia.

Mas a Prefeitura não quer polêmicas e o Maracatu quer mostrar sua arte e garantir o sucesso que vem trilhando há três anos. Em nota enviada logo após a publicação da matéria *Sucesso Proibido*, no DIÁRIO DE PERNAMBUCO de terça-feira, a assessoria de imprensa afirmou que a "mudança do maracatu foi discutida previamente com os membros da agremiação. "A decisão não foi tomada isoladamente pela Prefeitura, mas pelo Conselho do Carnaval que tem representantes da população. Portanto, não se tratou de despejo, como a matéria diz".

Por outro lado, o diretor do Nação Pernambuco, Bernardino José continua afirmando que a decisão foi impensada e precipitada. E apresenta como prova o ofício proibitivo ter sido enviado sexta-feira à noite, quando o Maracatu se apresentaria no domingo. "Em nenhum momento fomos chamados para tratar do assunto", bate o pé Bernardino. "A falta de visão é grande. Isso trouxe vários problemas para a gente. Reafirmo tudo que disse e espero que não haja represálias".

Prejuízo — Para fazer seu Carnaval de rua, os desfiles em Olinda e no Recife, o Maracatu Nação Pernambuco precisa de Cr\$ 60 milhões. Boa parte dessa verba, a maioria vem da venda das camisetas confeccionadas pelo artista plástico Romero de An-

drade Lima (custam Cr\$ 250 mil cada e estão à venda nas lojas Spelunka e no Varadouro no dia da exibição). Como no último domingo aconteceu o problema da proibição de apresentar-se no Mercado da Ribeira, e na correria de transferência para outro local eles não conseguiram os Cr\$ 3 milhões que normalmente arrecadam com a venda das camisetas.

"Enquanto o Governo da Bahia investe nos seus grupos, possibilitando inclusive viagens, num clima de valorização, em Pernambuco estamos amargando esse tipo de problema", queixa-se Bernardino. Ele lembra que há muito tempo, em Pernambuco, não aparecia um grupo que se destacasse. Mas faz questão de afirmar que não quer tornar isso uma guerra.

Propostas — Quando ventilou-se a primeira notícia que o Maracatu sairia da Ribeira, os integrantes do grupo pediram a Praça do Carmo, contanto que a Prefeitura resolvesse o problema de infra-estrutura, quer dizer um tablado, segurança e disciplinamento do comércio, luz e som. A Fundação não tinha condições. Entre essa conversa e o ofício, Bernardino garante que eles não foram procurados.

O projeto Maracavida com patrocínio acertado e se a Prefeitura der o sinal verde quanto à cessão do espaço, acontecerá no fortinho, durante o Carnaval. Os seguidores do Nação Pernambuco torcem que tudo seja resolvido a contento e a tempo.



Com o apoio dos comerciantes, o Maracatu Nação Pernambuco faz os acertos de batucue no Mercado do Varadouro

* Eduardo Leiki, um dos dois café da manhã do pernambucano.

Super Oara tocando para a garotada cair no passo.

tribuna, para acerta o movimento.

Demorou, mas valeu a espera. Após muitas promessas e expectativa o "Maracatu Nação Pernambuco" finalmente põe à venda o projeto fonográfico em vinil e K-7 o *Batuque da Nação*, que constitui o único trabalho exclusivamente de maracatu no mundo. Neste domingo, no ensaio do grupo que acontece no mercado Eufrásio Barbosa (Varadouro, em Olinda) a partir das 18h, será realizado o lançamento da fita, que está à disposição para venda no local. O disco só sai na "boquinha" do Carnaval, em local a ser divulgado. A partir de segunda-feira, as fitas podem ser encontradas no Disco Raro (no DCE da Universidade Federal), na Livraria Síntese e na Disco 7.

Tanto o disco quanto o K-7 dispõem de 11 faixas de maracatu, sendo oito de baque-virado e três de baque solto, reunindo o repertório de rua do Nação Pernambuco até o ano passado. "São músicas da primeira fase do nosso tra-

Primeiro disco de maracatu é lançado

balho, que procuram evidenciar o caráter histórico do maracatu", destaca o diretor artístico do conjunto e autor da maioria das canções, Bernardino José. "Por essa razão, as músicas homenageiam maracatus tradicionais, como em *Nação Pernambuco* ou fazem referência à es-

cravidão e sincretismo, como em *Tambores Silenciosos*", diz. "Mas todas afirmam o desejo de liberdade e a força transformadora da sabedoria popular", destaca.

Bernardino lembra do caráter pioneiro do trabalho. "Estamos pensando já num segundo

disco, que deveria ter acontecido neste Carnaval, mas, infelizmente, temos que lidar com o atraso reinante em Pernambuco a nível cultural", alfineta.

Gravado nos estúdios da Center durante 1991 e começo de 92, pelo produtor Zé da Flauta, o disco e o K-7 vêm sendo ansiosamente aguardados pelo público desde outubro, quando foi anunciado o seu lançamento em conjunto com espetáculo homônimo. Problemas com a prensagem adiaram o lançamento para dezembro, mas mesmo assim a encenação aconteceu sem o disco, no final do ano passado. Mas desta vez vingou. O projeto fonográfico contou com a promoção da Sambaxé Consultoria, na sua fase de prensagem, e com o patrocínio da Caninha 51. Uma boa idéia para a cultura pernambucana.

Surgido no centro de uma discussão sobre o espaço da música baiana no Carnaval de Pernambuco, o disco *Batuque da Nação*, lembra Ana Paula (integrante do grupo), "vem provar que a música pernambucana continua viva e pulsante. E que afinal de contas, não é só frevo".



Foto Divulgação

O Maracatu Nação Pernambuco lança no mercado o disco "Batuque da Nação"

Diário de Pernambuco – 16/02/1993 – “Noite dos Tambores Silenciosos” é atração na segunda

“Noite dos Tambores Silenciosos” é atração na segunda

Já está tudo preparado para a realização da Noite dos Tambores Silenciosos, no Pátio do Terço, que acontecerá na segunda-feira de Carnaval. Uma reunião entre os representantes dos Maracatus e a Fundação de Cultura, definiu os últimos detalhes para o evento criado pelo jornalista Paulo Viana e que já é um dos mais tradicionais do Carnaval do Recife. Participarão da Noite dos Tambores, dez Maracatus de Baque Virado e dois Afoxés.

Às 23 h, começará a concentração dos Maracatus no Pátio do Terço. Cada um vai virar seu baque (som característico de identificação) e cantar toadas (músicas). À

meia-noite, todos farão um minuto de silêncio em homenagem aos antepassados e logo em seguida começarão a virar o baque juntos. Os Afoxés também acompanharão o movimento. “Será um espetáculo inesquecível”, diz Telma Chase, da Comissão de Organização e integrante do Movimento Negro no Estado.

Os Maracatus seguirão para o Pátio do Terço após o desfile oficial no Centro do Recife. Eles seguirão pela Dantas Barreto até o local da Noite dos Tambores Silenciosos.



Foto PCR

Reunião na Fundação de Cultura definiu os detalhes da “Noite dos Tambores”

DIÁRIO DE PERNAMBUCO
☆ Apresenta ☆
TURMA DO PINGUIM
INFORMATIVO

Musa do “DIÁRIO no Frevo” será escolhida na sexta

Será realizada na noite de sexta-feira, em escrutínio secreto, a escolha da musa do bloco DIÁRIO No Frevo, que estará nas ruas do Centro às 9h, do

tado pela AABB. No carro Abre-alas, também estará desfilando o folião Lelo, que está preparando uma fantasia de aranha. “Vou ser o maior desta-

Amanhã os tambores silenciarão

Recife terá uma segunda-feira de Carnaval especial. A Noite dos Tambores Silenciosos e o II Encontro de Blocos animarão os foliões que comparecerem às ruas do bairro de São José, principalmente no Pátio do Terço. Os dois espetáculos, que já integram o roteiro oficial do Carnaval da Cidade são imperdíveis. “Traremos às ruas manifestações distintas mas que mostram como temos uma variedade de espetáculos”, afirma Fátima Tavares, coordenadora dos eventos.

O Encontro de Blocos, que este ano homenageará o carnavalesco Roberto Rozan, vai reunir nove agremiações. haverá dois pontos de concentração. Da praça Maciel Pinheiro, o Bloco da Saudade seguirá pelas ruas humanizadas até o Pátio do Terço. Os outros blocos sairão do Pátio de São Pedro para o mesmo ponto. A reunião acontece às 20 h. “Vamos levar os blocos pelas ruas estreitas do bairro”, diz Fátima. Ela explica que a Fundação de Cultura vai incentivar esse tipo de manifestação e dará toda a infraestrutura necessária.

Candomblé cultua a natureza na mitologia viva dos orixás

Quando se fala em "espíritos da natureza", a primeira figura que vem à cabeça é aquele duende da mitologia celta — longas barbas brancas, roupas verdes e botinha. A gente nem se dá conta de uma imagem bem mais brasileira, herança da mitologia yorubá: *Os orixás do Candomblé*.

"Todo o sistema do Candomblé é baseado nas forças vivas da natureza", explica Zeca Ligiero, diretor teatral e autor de *Iniciação ao Candomblé* (Nova Era, Record, 150 págs.).

Ao contrário dos deuses egípcios e das figuras da mitologia grega, as divindades do Candomblé são cultuadas até hoje por um grande número de fiéis. Partindo dessa questão — por que a tradição dos orixás permaneceu tão forte apesar das perseguições e do predomínio cristão no Ocidente — o autor reconstitui a história da religião yorubá na África e no Novo Mundo, desde a cosmogonia — mito da criação do mundo — até as influências dessa tradição na arte brasileira.

Com prefácio e citações da mãe-de-santo francesa Gisele Cossard, o livro apresenta ainda o ritual, os jogos divinatórios de búzios e Ifá, e — claro — os orixás e seus arquétipos.

"Pode-se fazer uma leitura de todos os elementos da natureza — água, terra, fogo e ar — a partir do mundo dos orixás", explica Zeca. Aqui, o que está dentro é análogo ao que está fora: "Há uma correspondência dentro do homem", observa.

"Por exemplo: Pessoas de temperamento agressivo geralmente são regidas por um orixá bélico — ogum ou xangô, que traz a energia do fogo".

Afinidades — Analisados metafisicamente, os elementos possuem afinidades com questões específicas da alma humana: orixás associados com o ar são geralmente envolvidos com



Apesar das perseguições, o Candomblé cresceu

questões de ética e bom caráter. Orixás associados à terra enfatizam questões de sobrevivência, como ecologia, construção da saúde e segurança da casa, guiam empreitadas artísticas como escultura e trabalho em metal. Orixás associados à água são nutridores. Isso inclui o interesse pela saúde física e mental; também regem questões de fertilidade e abundância. Já os associados com o fogo estão no cerne de qualquer processo de transformação.

Mal-compreendido — Embora a religião yorubá tenha exercido grande influência sobre a nossa cultura, ela ainda suscita uma série de preconceitos e mal-entendidos.

No panteão das divindades africanas, uma figura ainda é mal compreendida: o Exu. "A meu ver, o Exu, é um mensageiro entre os orixás e os homens. Dentro da filosofia dos orixás, qualquer comunicação é regida por ele. É por isso que os cruzamentos são de exu", esclarece o autor. Exu também rege

a sexualidade masculina. "Em alguns Candomblés, representado por um falo. Em outros, por uma lança sai da cabeça, representa comunicação com os orixás".
Ética — Na visão dual moralista dos europeus, a figura arquétípica acabou vinculada ao diabo: "Exu é vingativo, e pode no sentido do mal, mas qualquer orixás", ressalta a verdade, ele tem uma ética funda: "Está sempre no tanto para coisas que tem fazer, para nossas pequenas dificuldades", acrescenta Zeca.
Aqui, Zeca chama a atenção para o princípio ético da religião: "Acredita-se que o zemozmo retorna para nós, filosofia centrada na espiritualidade do indivíduo".

A perseguição aos orixás dos "macumbeiros" não se restringe aos livros de história. Hoje, quem ataca o culto aos deuses africanos são os ambientalistas: "Na realidade, a perseguição é mais à Umbanda do que à religião. O fato dela ter uma presença maior nas camadas populares é observado. Numa descrição oficial, a Umbanda seria considerada uma religião popular". "Candomblé mais popular".

A questão das oferendas é outro ponto polêmico: "A gente se choca com a oferta de animais, mas não se dá conta de que não se comem um pouco ao comer burger", lembra o autor. "A religião tem sua forma de sacrifício, seus dogmas. Na religião Católica, por exemplo, existe o sacrifício simbólico das pessoas com o Coração de Cristo". Para ele, "as pessoas que comandam o mundo não sacrificam animais, mas estão sacrificando o homem".

Num tempo em que se fala em liberdade, a palavra de ordem do Candomblé nos lembra o quanto estamos afastados da natureza. "Nesse sentido, ele é uma religião libertária, sempre", conclui.